

28/01/71



Eles já pensam em Banda com muita propriedade. São da Lira da Juventude.

Bem ali, em alguns pontos de Campinas, esta cidade de tantas artes, descansam jardins. E preciso que estejam ali dentro de poucos minutos.

Acordar com eles, viver um pouco de suas vidas tão unicamente, neste conjunto comum de telhados iguais.

Nêles, dar-se-ão o espetáculo de um dia inteiro, culminando com a retreta assistida por velhos, moças, crianças, flores...

Não há coreto específico. Todos são importantes nas noites de domingo. E que as bandas, em número de cinco, estarão espalhando muita luz calma e harmonia, através daqueles homens valorosos que de há muito aprenderam que a música, ainda é o meio mais legítimo de aproximação dos homens.

E calmamente a noite passa tranquila nos jardins onde a banda toca e as bolas coloridas de gás e também as amendoins e pipocas são vendidos.

Um velho passa pelas vielas do jardim Carlos Gomes acaladamente em direção ao coreto. É bom que ele vença a corrida do tempo, pelo velicidade que ele crê, temna.

E a Banda inicia sua vida dominical, depois do ensaio semanal.

E enquanto ela toca, a descoberta de tantas coisas. Uma palmeira alta, muito alta, numa corrida sobada parece querer sair do seu mundo.

E, que ela não sabe reconhecer que a cidade não é mais criança, agora é moça e não se cansa. Muitas outras palmeiras estendem-se ao lado da maior. Parecem acomodar-se nos seus lugares e não buscam tanto o caminho da fuga.

O aspecto deste jardim, resto de sossego, é triste. O perfil próprio das coisas que vivem para ser saudade, quando ser presente.

Há 30 anos... calçadas foram testemunhas de encontros, flores ofereceram-se como tapetes vivos...

Hoje os tempos são outros, e este jardim que tem retreta (podiam ser os outros também), é procurado para um desabafo do corre-corre ativo do homem e da cidade.

E ali, ainda existe a banda que habita o coreto. Este por sua vez, conserva ainda as cores simples das coisas grandes, que não reconhecem seu valor azul e branco.

A sua volta, espetado num cantinho da calçada, bancos desbotados aguardam amigos. Uns, carregam dia a dia, homens repletos de vida. Outros, servem de apoio para o homem que busca um pouco de paz.

Um largo abraçado por árvores adultas e cansadas, enfeitada este recanto que acolhe. Suas águas acostumaram-se tanto ali que já nem sentem vontade de cederam lugar a outras.

Esfervaram-se naquela rodinha de cimento.

Hoje é domingo. Dia de Retreta

texto: j. antônio sequeira

fotos: neldo

Ali, está um beiral, diminutivo exato de ponte. Simples, rústico, quase encantado. As calçadas estão agora quase vazias. É a hora da retreta. Oferece-se o gramado num desafio à criança, que brinca. Pena não poder ser pisado mas, se o for morrerá nas gramas que vivem na cidade.

Naquela esquina, uma árvore enfeitada de amarelo, em toda a primavera. Derrama suas flores, numa homenagem à Ruy Barbosa e Thomas Alvez, que deixam-se reviver para Campinas.

Neste conjunto total, pintado de verde, desabrocha o Jardim Carlos Gomes. O Jar-

afobadas, que fazem canção na cidade.

Silêncio agora. A Banda iniciou novo número. Os passos calmos em volta do coreto, como cúmplices da vontade de transpor barreiras mecanizadas do dia a dia, para momentos de ternura e encantamento.

A vida avança. As Bandas ficam. Se elas morrem diariamente? Não, claro que não. Viverão ainda por muito tempo. Lutam contra o tempo e com os recursos, parcos que possuem. Não possuem nada, a não ser a vontade incofita de comunicação.

Elas, são um pouco do bom que possuímos, e que muitas vezes não temos tempo de



Esta era a Banda Italo-Brasileira, considerada em 1922, como a melhor do mundo.

Maneco Musico, a direção da Banda, passou para seu filho Sant'Ana Gomes, e lhe deu o nome de Filarmônica. Viria mais tarde a ser a mais famosa do Estado. Azarias Dias de Melo, o auxiliava na regência da Banda. Por esse tempo, já figuraram na Banda, nomes ilustres como Bento Quirino, Leão Cerqueira, Sampaio Peixoto, Francisco Arruda Roso e muitos outros, perfazendo o total de vinte integrantes.

ITALO-BRASILEIRA

Outra Banda musical surge em 1881, dirigida por Luiz de Tullio.

Campinas conta agora com cinco bandas todas com retretas aos domingos. Nasceram pequenas, cresceram pelo esforço do conjunto, possuem sedes, lutam pela sobrevivência, e ganham 10 cruzeiros por figura em cada apresentação dominical da Prefeitura.

Acham pouco, mas a luta constante de que a Banda não morra, faz com que eles continuem tocando quase de graça. Outras cidades pagam mais. Houve até o caso de três musicistas que deixaram uma corporação por Valinhos, onde paga é mais do que o dobro.

No entanto eles continuam

A Lira toca todo o tipo de música. O Regente, Evaristo Franceschini, entende que sendo a Banda, uma lembrança do passado, ela deve viver do presente também.

Eles têm um uniforme. O azul marinho é para os dias de inverno, e o cinza para o calor. Se isto existe, é porque entenderam a meta de que o "bonito é a apresentação". O público merece o respeito.

Já viajaram muito. Hoje ficam mais em Campinas, ensaiando sempre às quintas-feiras. Como as outras, esperam um aumento há seis meses. Por enquanto não veem. Mas nem por isso a Lira Santa Cecília vai deixar de tocar.

HOMENS DE CÔR

A Banda dos Homens de Côr, tem 22 figuras tocando todos os domingos no Largo do Pará das 19 às 21 horas.

Ela foi fundada em 11 de junho de 1933, em virtude da discriminação de raças, que havia em nossa cidade. Era preciso que os homens de côr tivessem um lugar para tocar e mostrar aquilo que eram capazes de fazer. Hoje, apesar do nome, há muito branco tocando na corporação.

A sociedade tem o seu estatuto e sua sede à rua Ludoviana n.º 127. Toda quinta-feira a partir das 20 horas, há ensaio na entidade. Quem rege é o Maestro Silvio Martins, e lá na sede, várias composições são elaboradas para apresentações futuras.

É uma sociedade, que construiu sua sede própria com o dinheiro ganho nas retretas. Quando as divisas foram pagas, e a sede terminada, todos foram reembolsados. Há uma curiosidade: Venancio Pompeu do Nascimento, é presidente da Banda há 22 anos. No entanto não sabe tocar nenhum instrumento. Isto já não o aflige mais. Apenas quer continuar lutando, para que sua entidade seja cada dia melhor, apesar dos 10 cruzeiros que ganha cada figura de sua corporação por apresentação.

SÃO LUIZ GONZAGA

O presidente é Manoel Alexandrino Pedro. Suas raízes, têm início na Matriz Nossa Senhora das Graças, mais precisamente na Congregação Mariana. O presidente da entidade, teve a idéia de formar uma. Eram 135 marianos dos quais 35 foram aproveitados para o início. Conego Antonio Roccatto, ensinou durante um ano, apenas teoria. Depois, foi a vez do conhecimento dos instrumentos, o verdadeiro começo da Banda que hoje anima os domingos de Viaduto.

Eles ainda não possuem sede. Os ensaios são feitos num barracão cedido pelo ex-presidente da corporação. Mas o local não é o mais importante. O importante de tudo são os ensaios às sextas-feiras.

É dia sagrado. Nem a chuva atrapalha o encontro dos que lutam com a pequena subvenção; mas compensada pela vontade sempre grande de continuar a tocar mais e mais.

O maestro é José Campos Pinato. É um jovem que deixou quase tudo em debrimento da Banda. E o seu esforço, é a vontade integrada dos outros na luta da arte.

JUVENTUDE CAMPINEIRA

A Lira da Juventude Campineira, é dirigida pelo Sargento Sarti. Somente crianças são os musicistas. As outras corporações, vêm neste esforço, a meta real de que a Banda nunca irá terminar. São passos adultos, no entanto. Sabem o que querem.

CARLOS GOMES

Hoje a Banda Carlos Gomes, que surgiu em virtude da Italo-Brasileira, tem 44 elementos.

Sua sede fica à rua Benjamin Constant, 1423. Apesar de toda a fama que cerca a esta Banda, seus elementos continuam simples. Acha, que não fazem mais nada do que a obrigação. Obrigação de elevar o nome de Campinas, e do Patrono da corporação.

Há 72 anos, tocam no Jardim Carlos Gomes. Não deixaram nunca de comparecer a uma retreta. A banda, é mais uma orquestra. Do coreto do jardim, as notas são tocadas sob a batuta de Helder Menegheti.

Eles não querem parar. E seus elementos não acreditam que um dia este tipo de comunicação venha a acabar. As raízes são muitas para um fim melancólico.

Eles querem a oficialização de uma banda, através de um concurso. Seria uma razão ainda maior para que Campinas pudesse se orgulhar mais ainda das suas tradições artísticas.

E assim vão seguindo a trajetória das vidas que optaram pela beleza da música, nas noites quentes ou frias dos domingos.

HOJE É DIA

Hoje é dia de retreta. Dia de alegria para os que tocam nela e para os que a escutam-na.

O dinheiro é pouco. Mas a banda persiste. Afinal é dia de festas para os membros das diversas corporações.

O espetáculo é grátis. Espontâneo, bela simplicidade das notas tocadas e ritmadas a cada momento. As obras executadas tomam uma nova cor. São os sentimentos dos homens transportados para os instrumentos de sopro.

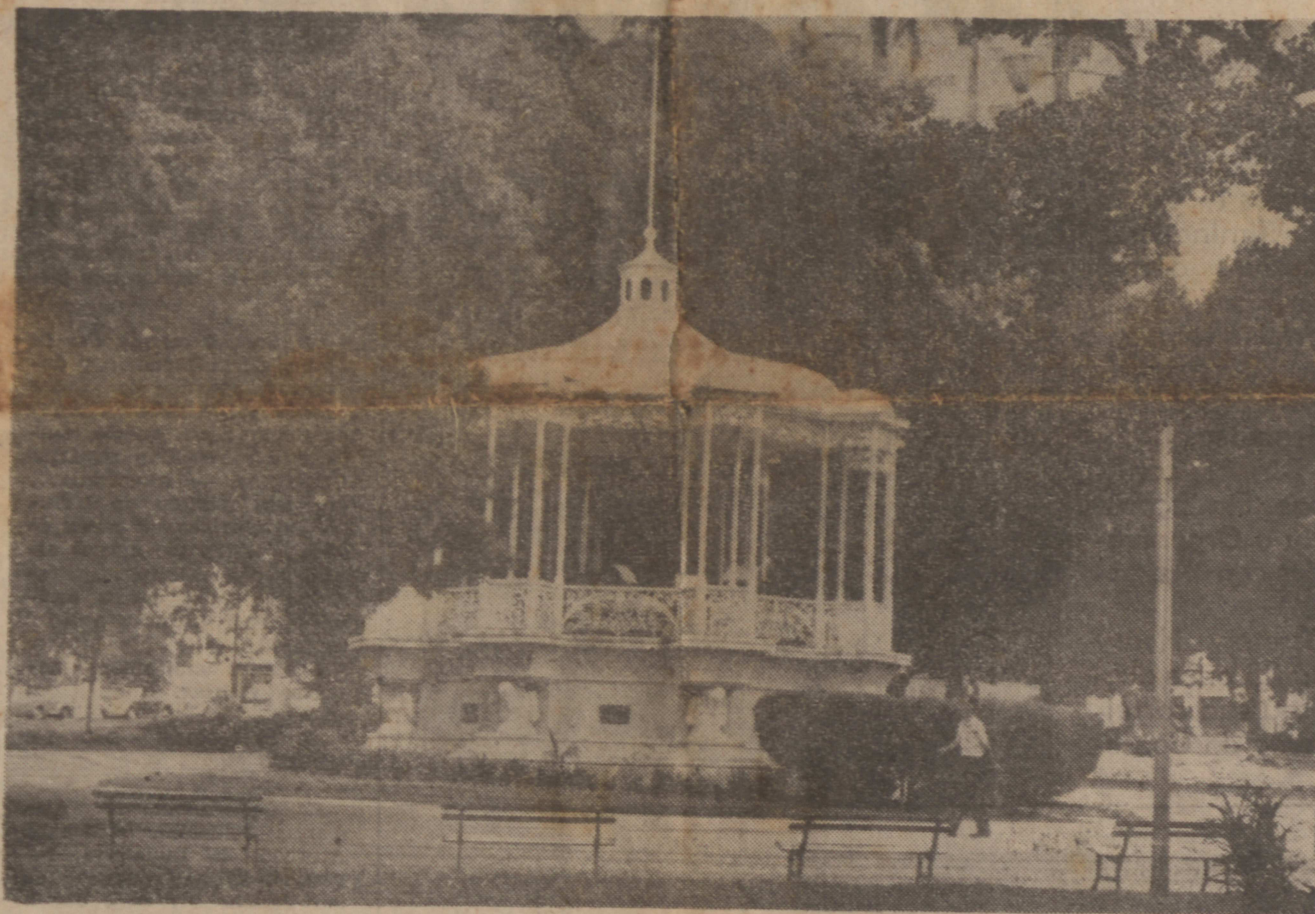
Hoje é dia de festa. Dê um pulo até uma dessas praças, e verá a beleza das músicas envolventes pelos hofiens que ainda acreditam na difusão da música através de um jardim onde a natureza existe com verdade e não mentirosa.

Tudo ali é beleza. Assim como as bolas coloridas dos guri.

Tudo ali é enconto. Assim como a ddiva de Deus.

Tudo ali é perfeito. Silêncio. Fale mais baixo por favor.

Porque a recomendação. Ora, é a banda que toca, que passa, que entrega e que mostra a beleza da vida.



Hoje é dia de retreta. Você vai?

dim da retreta aos domingos, onde a música suave é ouvida por duas horas.

Outros jardins existem com suas retretas. A de Carlos Gomes é o símbolo.

Tanto ele, como os outros, no conjunto total, fazem um pintado de verde, desbrochando a paz, onde o sossego grita mais alto que as buzinas

perceber. É um pouco de Campinas sem estéticas artificiais.

Um pouco que existe, que convida, que espera

Você conhece as Bandas, não? Já senti o desafio do sentimento através das notas emitidas pelos instrumentos dos músicos que fazem da retreta o seu passeio dominical. Já senti o quanto de pureza existe nestas corporações?

HISTORICO

A primeira banda de música de Campinas, foi fundada por Manuel José Gomes, pai de Carlos Gomes, mestre da capela de nossa cidade em 1814.

Tocava piano, violino e violoncelo. Em 1819, fundava a primeira banda da cidade, arregimentando seus alunos mais talentosos e aproveitando elementos da cidade como, José Ferraz do Amaral, como flautista.

Composta a banda, onde Carlos Gomes com apenas 10 anos de idade, tocava o ferreiro, logo se tornou famosa, sendo solicitada em todas as comemorações da cidade nas festas do Divino e ainda requisitada por todas as cidades vizinhas e festas de fazendas.

A Banda de Maneco Gomes em 1846, tocava durante as homenagens prestadas a D. Pedro II, em sua visita a Campinas.

Em 1868, com a morte de

Alguns italianos radicados em nossa cidade, e filhos de italianos, fundaram a Banda-Italo-Brasileira que deu origem mais tarde a atual Banda Carlos Gomes.

Em 1922, quando das comemorações do centenário da independência, no Rio de Janeiro, ganhou o concurso internacional de Bandas de Música. Essa corporação, quis participar do certame e recorreu ao então prefeito, Rafael Duarte, que atendeu prontamente os quarenta músicos integrantes da Banda.

O concurso realizou-se no Pavilhão de Festa da Exposição do Centenário, com juizes brasileiros e estrangeiros. Bandas de vários países se fizeram ouvir.

A Colonial Portugal, era considerada uma das melhores da Europa, e quando terminou de executar Carmen de Bizet, os apiausos anunciaram que seria a detentora do prêmio.

Depois foi a vez de Campinas. Os nossos músicos, a maior parte trabalhadores rurais, ficaram atentos, em atitude de espera.

O Maestro João de Tullio, erqueu a batuta, rompendo as primeiras notas da Protofonia do Guarany. Ao terminar, o povo se levantou em massa, aplaudindo Campinas. Ganhou o prêmio de melhor Banda do mundo, a nossa banda Carlos Gomes.

APARIÇÕES

Outras foram surgindo.

para que a arte não sucumbia.

Eles já não são moços. Na maioria são avós, que fazem da retreta o passeio semanal. Sonham em ser oficializados pela Prefeitura, terem um uniforme bonito, a altura de Campinas, instrumentos novos, e o principal, mostrar que a terra de Carlos Gomes, tem uma Banda oficializada, ganhando bem, e colocando seus músicos nos devidos lugares.

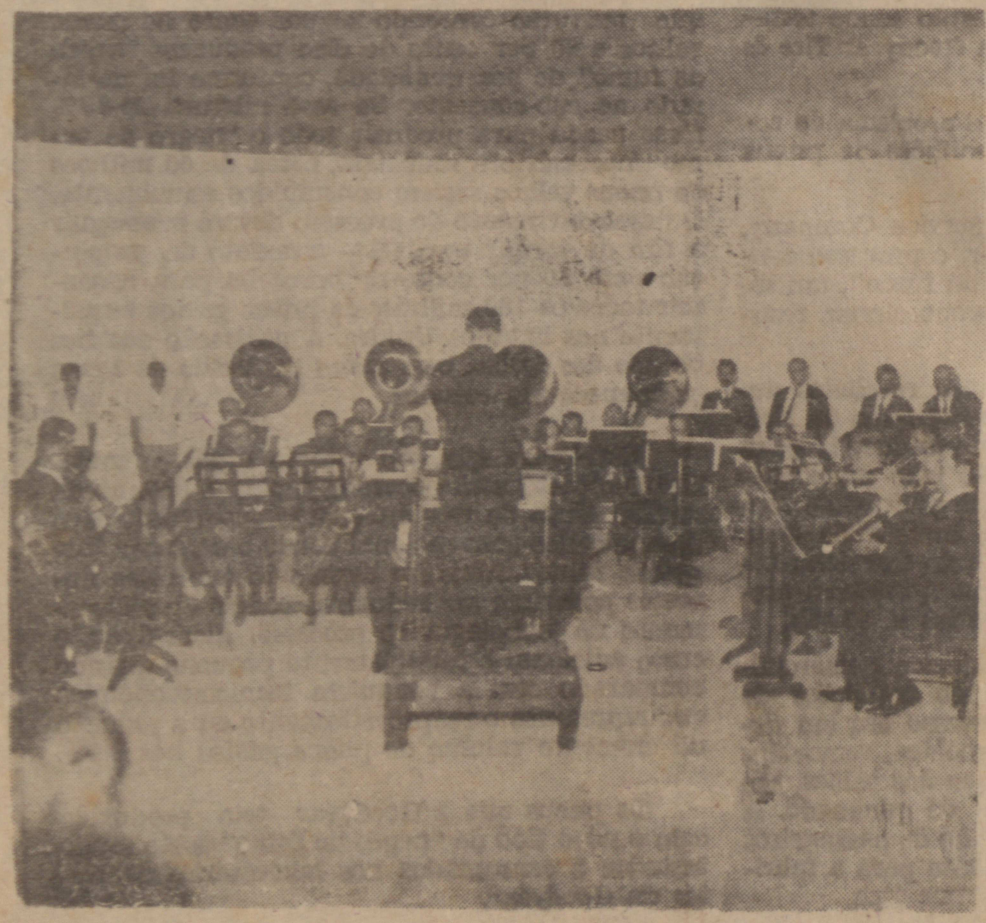
SANTA CECILIA

O nome todo é Lira Musical Santa Cecília de Campinas. Padre Manoel, da Igreja de Santo Antonio — isto no ano de 1946 — sempre se colocava em dificuldades quando de alguma festividade maior. Nas procissões programadas, não havia música senão as cantorias dos hinos, pelos fiéis participantes.

Estava chegando a festa de Santo Antonio. Padre Manoel não sabendo mais como fazer, chamou uns paroquianos e viu da possibilidade da organização de uma Banda.

Raul Tavares Jardim, Pascoalino Palombo, José Zulliani, José Panuzio, Guilherme e Henrique Link, Julio Beck, Domingos Minerli e Urbano Silva, fundaram a banda. E a festa maior de Santo Antonio teve mais luz e beleza.

O entusiasmo foi grande. Uma lista começou a correr para a compra dos instrumentos. A Lira cresceu, tomou forma de corporação, e hoje sua sede é a rua José Paulino 189. Aos domingos, tocam seus 38 músicos na Vila Industrial, no jardim em frente ao Castro Mendes.



A Banda Carlos Gomes, tocando no Palácio dos Jequitibás.